



GT 005. Agências materiais e espirituais no cotidiano: experiências e narrativas de coexistência

Martina Ahlert (Universidade Federal do Maranhão) - Coordenador/a, João Frederico Rickli (UFPR) - Coordenador/a

Diversas pesquisas em antropologia têm se interessado pelos modos como as pessoas mobilizam agências materiais e espirituais em situações de lutas, disputas e construções identitárias. Entidades como encantados, espíritos, fantasmas, demônios, o próprio Espírito Santo, entre outras; e objetos "animados" como imagens, amuletos, fotografias e a Bíblia, por exemplo, podem participar do dia a dia das pessoas em diferentes contextos. Essas agências não estão limitadas a planos extraordinários, circunscritos aos domínios do explicitamente religioso. Antes, elas permeiam escolhas, decisões e atitudes cotidianas em relação aos mais diversos temas, e seus efeitos se materializam de formas variadas na experiência. Essas situações e ações apontam em direção à não exclusividade humana nos modos de viver, de dar forma e sentido à existência. Este Grupo de Trabalho pretende reunir etnografias e pesquisas de caráter etnográfico em arquivos que abordem essas experiências e a produção de narrativas a elas vinculadas. De um ponto de vista teórico, interessam-nos três pontos, sobretudo: em primeiro lugar, a análise das disputas e controvérsias em torno da legitimidade e autenticidade dessas narrativas e experiências. Em segundo, a questão da coexistência e coabitação no mundo, que questiona leituras lineares sobre o tempo e a história. Finalmente, a análise de situações em que as fronteiras e limites daquilo que se caracteriza como religioso são desafiados pelos próprios dados etnográficos.

?TUDO AQUI TEM AXÉ?: A presença do desativado Terreiro da Goméia em Duque de Caxias

Autoria: Adriana Batalha dos Santos

A precoce e repentina morte do famoso Pai de santo Joãozinho da Goméia em 1971 e os conflitos envolvendo a sucessão de sua liderança no Terreiro da Goméia em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, transformaram em poucos anos o Terreiro em um terreno baldio com poucos vestígios do exuberante Candomblé ali instalado no final da década de 1940. Minha pesquisa de doutorado, em curso, vem procurando seguir tramas em torno de múltiplos agentes e agenciamentos direcionadas ao terreno desse desativado Terreiro. O atual estágio dos dados etnográficos e o esboço interpretativo que venho fazendo apontam para diversas vidas "vivas" e "projetadas" nesse espaço. Tanto das prósperas edificações e rica flora que a Goméia dos tempos de Pai João ostentava às ruínas e vazios que hoje predominam nesse espaço que já foi terreiro badalado, terreiro decadente, terreiro abandonado, terreno baldio, praça, campo de futebol, boca de fumo e mais recentemente sítio arqueológico de repercussão midiática. Quanto das "vidas projetadas", como a reativação do terreiro, a construção de uma creche e criação de um centro cultural, que ainda não foram efetivadas. E como essas "vidas" são ao mesmo tempo agentes e agenciadas em relação a Goméia legada por Pai João. Para esse GT proponho explorar um aspecto que perpassa essas "vidas": a apontada agência do Terreiro da Goméia nos rumos desse espaço, após a morte física de seu criador. Essa agência aparece na fala de Rodrigo, um jovem vizinho entrevistado para essa pesquisa. Ele conta que quando criança, assim como parte da vizinhança, tinha medo de entrar lá. Mais velho e já envolvido com as histórias do terreno, fez parte do grupo de vizinhos que tentou transformá-lo em um campo de futebol. Chegaram a conseguir a sua limpeza e as traves, mas pouco tempo depois pararam de frequentar o campo. Lembra ainda que também tentaram sem sucesso organizar ali uma festa de São João. Rodrigo explica esses "fracassos" como consequência do que chama de "maldição da Goméia", que faria com que nada fosse "pra frente ali", lembrando também dos projetos de creche, memorial, centro cultural da Prefeitura que até hoje não se efetivaram. Também o pesquisador Rodrigo Pereira aponta em recente artigo alguns questionamentos ao



sucesso de tentativas de ?dessacralizar? o terreno, como a fala de uma antiga integrante do Terreiro revela: ?Isso aqui [o terreiro] ainda tem axé, meu filho. Tem gente que vê o Caboclo [Pedra Preta] aqui de noite. (...) Mesmo que ele [o Caboclo] não more mais aqui, aqui ainda é o Terreiro da Gomeia. (...) Tudo aqui tem axé e não é o que houve que muda isso? (PEREIRA, Rodrigo. ?Memórias do Terreiro da Gomeia: entre a materialidade e a oralidade?, in Religião e Sociedade. Rio de Janeiro, 2018).



Realização:



Apoio:



Organização:

